

CONSTRUÇÃO CIVIL – “E ISSO É COISA DE MULHER?”

INTRODUÇÃO

Atualmente, ao percorrermos as ruas de Fortaleza, podemos perceber um aumento significativo no número de obras em execução nesta cidade. Deparamo-nos com obras de mobilidade urbana, de construção de equipamentos públicos, de estádios e de condomínios residenciais. Neste contexto, a verticalização urbana e a especulação imobiliária têm se apresentado de forma intensa nesta capital.

Em meio a tantas edificações, uma cena, antes pouco observada e, há algumas décadas, impossível de ser imaginada, passou a fazer parte deste cenário – a presença das mulheres trabalhando na execução das obras. De acordo com o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil da Região Metropolitana de Fortaleza (SITCCRMF)¹, a inserção feminina neste ramo aconteceu de forma mais intensa, a partir do ano de 2010. Entretanto, os informantes, também, registram a participação das mulheres no setor na década de 1990, mais precisamente entre os anos de 1994 e 1995. Segundo o dirigente sindical Lucas²,

As mulheres eram convocadas pra trabalhar na construção civil pelo simples fato de ter que limpar os apartamentos, ou seja, os homens aprontavam todo o apartamento, deixavam sujos lá e as mulheres iam pra limpar os apartamentos. Elas começaram a limpar e o serviço que o homem fazia, por exemplo, pra dar uma noção pras pessoas, que é levantar alvenaria, rebocar, assentar cerâmica e fazer o emassamento, ele ganhava por tudo isso e a mulher vinha, em seguida, pra limpar o apartamento (LUCAS, DIRIGENTE SINDICAL).

Posteriormente, conforme explicam os informantes, na intenção de reduzir os custos nas obras e tendo em vista a falta de mão de obra que se apresentava ao setor, os empresários encontraram na força de trabalho feminina a solução para parte de seus problemas. Nesta perspectiva,

Os empresários perceberam que estavam gastando além do normal³. Então, o que eles fizeram? Começaram a contratar mulher para, além da

¹ Informações obtidas através de entrevista realizada pela pesquisadora

² Este é um nome fictício a fim de resguardar a identidade do informante. Ressaltamos que utilizaremos nomes bíblicos sempre que precisarmos fazer referência às falas dos entrevistados e das entrevistadas desta pesquisa. A escolha por nomes bíblicos se deu em decorrência da forte religiosidade expressa pelos trabalhadores das obras analisadas.

³ Refere-se, neste caso, ao gasto com os homens para construção dos prédios e com as mulheres para executar a limpeza dos mesmos.

limpeza do apartamento, fazer o emassamento da cerâmica, ou seja, elas faziam uma dupla função e ganhavam um salário só. Então, elas começaram a partir daí. De 2010 pra cá, teve uma inserção maior, por que elas fazem o emassamento, têm umas delas que assenta tijolo, têm umas delas que fazem reboco, tem pedreira. Então, houve uma inserção maior do ano de 2010 pra cá. Por exemplo, hoje tem obra que tem 80 mulheres trabalhando (TIMÓTEO, DIRIGENTE SINDICAL).

De acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego – PME (IBGE,)⁴, de março de 2012, no ano de 2011, as mulheres eram maioria na população de 10 anos ou mais de idade, em média, 53,7%. No entanto, elas eram minoria, aproximadamente, 45,4%, na população ocupada.

No tocante à presença feminina na construção civil, dados do Ministério do Trabalho e Emprego - MTE (2011)⁵ nos mostram que, no Brasil, o número de trabalhadoras neste setor cresceu 65% em uma década⁶. No ano de 2000, elas eram pouco mais de 83 mil entre 1,094 milhão de pessoas empregadas pelo setor. Em 2008, esse número subiu para 137. 969. No primeiro bimestre do ano de 2010, 5.258 mulheres conseguiram emprego na construção civil, ocupando 5,9% das vagas geradas no setor nesse período.

Pelo descrito, podemos verificar a crescente participação feminina neste segmento, espaço social e culturalmente destinado aos homens. Tão logo, consideramos fundamental o desenvolvimento de estudos que ajudem na compreensão dessas novas configurações que se colocam ao mundo do trabalho, pois, sob nosso entendimento, essas mudanças que se apresentam a este ramo produtivo são geradoras de tensões e conflitos e repercutem, mais intensa e negativamente, sobre o trabalho feminino.

Contudo, apesar deste tema encontrar-se em voga na mídia cearense, não encontramos nenhum estudo científico referente à presença das trabalhadoras neste ramo produtivo. Fato que torna evidente a importância deste estudo para as discussões relacionadas ao gênero e ao trabalho.

⁴A Pesquisa Mensal de Emprego – PME, implantada em 1980, produz indicadores para o acompanhamento conjuntural do mercado de trabalho nas regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Trata-se de uma pesquisa domiciliar urbana realizada através de uma amostra probabilística, planejada de forma a garantir os resultados para os níveis geográficos em que é realizada.

⁵ Informação divulgada em site especializado na Internet: <http://blog.mte.gov.br/?p=965>

⁶ Período referente ao intervalo de tempo entre 2000 e 2010

1. OBJETIVOS

No intuito de responder às questões que nos instigavam em relação ao nosso objeto de estudo, definimos como objetivos do nosso estudo as seguintes intenções:

- Investigar como se expressam as relações de gênero e trabalho no desempenho das atividades de homens e mulheres no âmbito da construção civil de Fortaleza (objetivo geral)
- Perceber se existe diferenciação, em função do sexo, nas atividades desenvolvidas por homens e mulheres no setor (objetivo específico)
- Desvendar as motivações apresentadas pelas mulheres para justificar sua entrada na construção civil (objetivo específico)
- Contextualizar a inserção das mulheres neste ramo produtivo, em Fortaleza. (objetivo específico)

2. O PERCURSO METODOLÓGICO - Estabelecendo os critérios e as prioridades para o desenvolvimento da pesquisa

Após delimitarmos o nosso objeto de análise, inúmeros questionamentos surgiram, principalmente, no tocante aos procedimentos metodológicos necessários para pôr em prática a investigação. Neste momento, nos demos conta de que estávamos diante de um grande desafio – pensar sobre uma questão pouco discutida pela comunidade científica – a presença das mulheres na construção civil.

A pesquisa de natureza qualitativa apresentou-se como a mais adequada para o conhecimento da realidade que nos propusemos estudar, sendo a pesquisa de campo e a pesquisa bibliográfica os tipos de pesquisa utilizados para o desenvolvimento desta análise.

Quanto à pesquisa de campo, buscamos, conforme sugestão das professoras da banca de qualificação, obras diferenciadas conforme o tipo de construção. Sob esta lógica, escolhemos uma obra da construção pesada e duas do ramo de edificações. As últimas se diferenciavam entre si pelo fato de uma delas ser a constituição de um equipamento público e ter mulheres pedreiras e serventes e a outra ser a execução de um condomínio residencial e ter somente serventes, que fazem serviços específicos – limpeza da obra e rejunte de cerâmica.

Com relação ao último critério, o consideramos importante, pois, após visita a uma determinada obra, que realizamos junto com o sindicato dos trabalhadores do setor, nos deparamos com um número significativo de mulheres serventes desempenhando apenas a limpeza e o emassamento da cerâmica, aproximadamente 100 mulheres. Posteriormente, ao contarmos outras construtoras indicadas, também, pelo sindicato, percebemos que esta realidade se repetia, portanto, avaliamos ser conveniente analisá-la.

A partir de nossa entrada em campo, optamos pela observação nos espaços em que a investigação estava sendo realizada. Assim, observamos, de maneira espontânea, os fatos, prestando atenção, principalmente, aos sujeitos, ao cenário e ao objeto de análise em seu contexto, levando sempre em consideração a observação das construtoras de não nos mantermos por um período muito prolongado nas obras.

Para a coleta dos dados, devido nosso entendimento quanto à importância das expressões da experiência e dos atores sociais, realizamos entrevistas com homens e mulheres que, no período de desenvolvimento da pesquisa, entre março de 2011 e dezembro de 2012, trabalhavam na construção civil de Fortaleza.

Buscamos a proporcionalidade entre o número de trabalhadoras e trabalhadores entrevistados. Com base nesta decisão, entrevistamos o número total de funcionárias presentes nas obras - dez mulheres: cinco na edificação de um equipamento público municipal, duas na obra de construção pesada, três na construção de um condomínio residencial. Tendo como referência o número de mulheres entrevistadas por obra, fizemos, também, entrevista com 10 trabalhadores que atuam profissionalmente com as mulheres. Sob esta lógica, entrevistamos pedreiros, serventes, pintores e eletricitas.

Para a realização das entrevistas, tivemos que nos adequar aos espaços em que a pesquisa de campo aconteceu. Na maioria das vezes, os depoimentos eram embalados pelo barulho emitido pelas máquinas, tratores, caminhões e batidas de martelo. Tivemos que improvisar os lugares para que as entrevistas pudessem acontecer. Ora estávamos no meio do nada, apenas com duas cadeiras, muita

poeira e a presença do entrevistado, ora fazíamos das escadas, já concluídas nos canteiros, nosso espaço para coletar as informações.

Entrevistamos os encarregados das obras, pois eram eles quem, diariamente e de modo mais próximo, acompanhavam e avaliavam o desempenho dos profissionais, homens e mulheres, alocados nas frentes de serviços. Além disso, eram eles que vivenciavam mais de perto as relações que se estabeleciam entre as trabalhadoras e os trabalhadores dentro das obras.

Além disso, através da entrevista concedida pelos representantes do Sindicato dos Trabalhadores, foi possível elucidar outra inquietação nossa que era contextualizar, minimamente, a inserção feminina neste setor, já que não encontramos documentos ou qualquer outro registro que demarcasse o período de entrada delas para atuar na construção civil. Foi possível, também, conhecer um maior número de obras que contavam com a mão de obra feminina na produção.

As entrevistas aconteceram com base em um roteiro semi-estruturado, com o intuito de que nosso diálogo com os entrevistados acontecesse de forma fluente, mas sem a perda dos objetivos da pesquisa.

. Durante a realização da pesquisa, utilizamos uma câmera fotográfica para registro dos momentos vivenciados e um gravador de voz, através do qual armazenamos os diálogos estabelecidos durante as entrevistas sem que ocorresse a perda de detalhes contidos nas falas dos depoentes. Fizemos um diário de campo, nele escrevemos descrições, observações e impressões que não puderam ser captadas pelo gravador de voz e pela câmera fotográfica.

Com relação aos dados obtidos em campo, para melhor analisá-los, realizamos a transcrição das entrevistas. Esta tarefa foi, demasiadamente, densa, pois tivemos que transcrever 28 entrevistas, totalizando 385 minutos de gravação e 109 laudas de entrevistas transcritas. Esta, portanto, foi uma etapa que demandou muito tempo e uma escuta apurada das entrevistas realizadas. Neste momento, o uso do diário de campo foi importantíssimo, pois ajudou a reconstruir o cenário e as condições em que ocorreram as entrevistas.

Por fim, é importante mencionar que a pesquisa bibliográfica também foi um tipo de pesquisa utilizado para efetivação deste estudo. Através dela, tratamos do desdobramento teórico das categorias e concepções que envolviam o objeto de estudo. Para tanto, fizemos uma análise da categoria gênero, enfatizando os principais estudos relacionados a esta temática. Trouxemos à discussão a inserção das mulheres no mercado de trabalho e as marcas da divisão sexual do trabalho, sempre articulando a produção bibliográfica existente aos dados expressos na realidade e apreendidos por meio da pesquisa de campo.

3. POR ENTRE OS CANTEIROS – RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Quem são estas trabalhadoras?

Iniciaremos esta discussão pontuando algumas considerações sobre o perfil das trabalhadoras inseridas na construção do equipamento público municipal, cujos aspectos foram retratados na sessão anterior.

Das cinco mulheres contratadas para o setor de produção da obra, duas são pedreiras, enquanto as outras três exercem a função de servente. A idade destas funcionárias situa-se entre 40 e 54 anos. Quanto à escolaridade, somente uma concluiu o ensino médio, uma delas possui o ensino fundamental completo e as demais declararam não ter finalizado o ensino fundamental.

Segundo as informantes, esta é a sua primeira experiência no ramo. Duas, inicialmente, já haviam feito curso de pedreira, promovido pelo poder municipal, sendo, posteriormente, inseridas na obra. As outras fizeram o caminho inverso - primeiro tiveram sua inserção na obra, por indicação de outras trabalhadoras e, no decorrer da execução do serviço, fizeram o curso profissionalizante.

Quando tratamos da atuação profissional dessas mulheres antes de seu ingresso na construção civil é interessante observar que três delas atuavam no setor informal – uma era babá e recebia 230 reais por mês. Outra vendia produtos de uma revista de cosméticos e ganhava, em média, 400 reais. E, a última era cozinheira em uma barraca de praia, ganhava 100 reais semanalmente. As outras trabalhadoras, antes de atuar na construção civil, estavam desempregadas, mas o último trabalho delas foi no setor formal. Uma era auxiliar de serviços gerais, recebia um salário

mínimo. A outra era operadora de máquinas numa indústria de plástico e ganhava 800 reais por sua mão de obra.

Marta, coordenadora do projeto, registra que, inicialmente, as mulheres apresentaram muita dificuldade para conciliar suas atribuições produtivas com suas responsabilidades domésticas. Era comum elas faltarem ao trabalho, bem como chegarem atrasadas por conta de problemas familiares. Algumas, inclusive, chegaram ao ponto de querer desistir do trabalho pelo fato de ter uma pessoa da família doente e elas sentirem-se na obrigação de dedicar-se ao cuidado desse ente.

Além disso, levando em consideração algumas nunca terem trabalhado formalmente no mercado, a adaptação à rotina do trabalho formal, que apresenta horários mais rígidos e exige maior responsabilidade e comprometimento por parte dos trabalhadores e das trabalhadoras, não aconteceu de forma fácil.

Ao longo da caminhada, houve a desistência de parte das mulheres, até mesmo, pelo valor que recebiam após a rescisão contratual. De acordo com Marta, algumas trabalhadoras chegaram a se emocionar no banco quando receberam seu primeiro salário, pois era a primeira vez que recebiam dinheiro em troca do seu trabalho.

No tocante à presença feminina na construção pesada, apenas duas trabalhadoras permaneceram nesta frente de serviço. A conclusão da obra encontrava-se próxima, ocorrendo, portanto, uma redução natural no quadro de funcionários. As duas mulheres eram pedreiras, contudo, apenas uma desempenhou, de fato, as tarefas inerentes a esta função. A outra operária teve a sua atuação mais direcionada à limpeza da obra e aos acabamentos. Segundo ela,

Aqui na obra, eu fiquei mais na parte da limpeza junto com o pessoal. Porque aqui na obra, agora, tem mais é a parte da limpeza. Quando eu comecei, eu não fiz serviço de pedreira, eu comecei numa turma que assentava cerâmica, mas eu passei pouco tempo. Ai, fiquei na turma de limpeza, passei uns três meses cuidando das chaves de um setor. Fiquei cuidando das chaves, porque foram colocando as portas e eu fiquei cuidando das chaves. Agora, to na limpeza. O pessoal faz o acabamento, depois, a gente vai, limpa tudo e tranca (ESTÉR, PEDREIRA, 50 ANOS).

A situação acima descrita não foi especificidade da obra em discussão. Na edificação municipal também foi possível registrar a presença deste tipo de fato, conforme indica a fala de uma trabalhadora:

Na realidade, quando eu iniciei aqui, comecei fazendo alvenaria, depois eu passei para o ar condicionado. Hoje, eu não sei se sou pedreira ou trabalho com ar condicionado (risos), porque nesse tempo todo, eu trabalhei com ar condicionado, montando o ar condicionado, fabricando peça, ajudando, na realidade, eu ajudo os meninos do ar condicionado – montando, fabricando dutos, quer dizer, é uma coisa bem interessante. Então assim, esses dois anos e meio foi com ar condicionado e, agora, neste momento, eu estou cuidando das chaves da obra, eu estou trancando tudo (risos) (DORCA, PEDREIRA, 41 ANOS).

Com relação à idade e à escolaridade, uma delas tinha 34 anos e não completou o ensino fundamental. A outra tinha 50 anos e concluiu o ensino médio. Ambas são casadas, mas apenas uma tinha filho ainda criança em sua composição familiar. É importante registrar que as duas eram oriundas da obra do município também analisada neste estudo.

Antes de ter trabalhado na construção civil, uma delas nunca havia exercido qualquer atividade remunerada, ou seja, sua vida inteira foi dedicada ao trabalho doméstico e ao cuidado com os filhos. Contudo, consideramos conveniente destacar que esta funcionária, desde a infância, executa serviços na construção civil, pois seu pai⁷ é pedreiro e ela sempre o auxiliava em suas ações. Relata a entrevistada:

Meu pai é pedreiro, eu já cresci vendo ele com as ferramentas. Eu pequenininha, com 8 anos, já sabia bater nível. Ele já mandava eu segurar os pontos de nível. Então, quando eu fiz o curso, eu já sabia, tinha noção, então ficou mais fácil pra mim. Eu sempre gostava de ficar botando armador em casa, se meu pai ‘tava’ ‘puxando piso’, eu queria puxar com ele. Eu já fazia o serviço da construção civil, né? (ANA, PEDREIRA, 34 ANOS).

A fala da entrevistada, agregada aos elogios decorrentes de sua boa atuação na obra, ratifica a proposição de que o bom desempenho de determinadas funções no mundo do trabalho, seja por homens ou por mulheres, encontra-se fortemente relacionado à divisão sexual do trabalho na qual foram familiarizados os indivíduos.

⁷ Curioso observar que o pai e o avô da depoente trabalharam, durante a década de 1970, mais precisamente no ano de 1971, na mesma obra em que está alocada a trabalhadora.

A outra trabalhadora era empregada doméstica, ganhava apenas R\$ 220 reais por mês e não era protegida pelas leis trabalhistas, em função de não ter o registro em sua carteira de trabalho. Vale ressaltar que esta é uma realidade vivenciada por muitas mulheres, apesar dos avanços na legislação que ampara as empregadas domésticas.

Feitas as considerações em relação à mão de obra feminina na construção pesada, nos dedicaremos a descrever alguns aspectos referentes ao perfil das três trabalhadoras que atuam na edificação de um condomínio residencial. Inicialmente convém assinalar que duas concluíram o ensino fundamental e uma conseguiu completar o ensino médio. A idade dessas funcionárias varia entre 23 e 38 anos. Duas são casadas e têm filhos ainda crianças em sua composição familiar e uma delas é solteira. Destacamos, ainda, que esta é a primeira vez que trabalham na construção civil.

Anterior a sua entrada para atuar neste ramo produtivo, uma trabalhava no setor formal como auxiliar de serviços gerais, ganhava um salário mínimo. No tocante às demais, uma era empregada doméstica e recebia R\$ 320 reais por mês e a outra nunca havia exercido qualquer atividade remunerada previamente, esta foi sua primeira oportunidade de trabalho.

Nenhuma delas tem curso na área da construção civil. Fato que para nós era plenamente compreensível, já que elas executavam apenas a limpeza da obra e faziam o rejunte da cerâmica.

Nas três obras analisadas, quando questionamos às mulheres sobre os aspectos que motivaram sua entrada na construção civil, significativa parte delas aponta a melhor remuneração paga pelo setor e o vínculo empregatício como principais fatores propulsores.

Algumas trabalhadoras afirmam que sua decisão de trabalhar neste segmento não foi isenta de conflitos. Lamentam, inclusive, a falta de apoio por parte de seus familiares, conforme expressa a fala de uma das entrevistadas:

A única pessoa que foi contra foi a minha mãe. Por conta de eu, como mulher, trabalhar no meio de muito homem. Já a minha filha, me acha uma mulher guerreira. (a entrevistada emocionou-se e chorou). Eu não senti

preconceito em relação a outras pessoas, só em relação a minha mãe e é até hoje. Até foto que nós tiramos quando nós chegamos aqui, eu botei lá em cima e ela fez eu tirar. Ela não aceita. Eu fiz o curso, quando eu cheguei com todo o material que eu ganhei, ela não quis nem ver. Isso me entristece muito, mas não me faz pensar em desistir. Eu sei muito bem o que eu quero (MIRIAN, SERVENTE, 48 ANOS).

Outra dificuldade expressa pelas mulheres relaciona-se a não aceitação dos seus companheiros e maridos quanto a sua escolha profissional. Segundo as informantes, não os agrada o fato delas encontrarem-se em um espaço composto, majoritariamente, por homens. O discurso de uma trabalhadora confirma esta afirmação:

No início, meu marido dizia: o que é que tu vai fazer lá no meio daquele 'monte' de homem? Ai, eu dizia: vou trabalhar. Ele dizia: mas vai te aquietar, arruma outro trabalho. Ai, eu falei: Não, eu quero é esse! Mas ai o tempo passou, ai ele acabou aceitando, viu que não tinha jeito mesmo (risos). (DORCA, PEDREIRA, 41 ANOS).

O discurso dos trabalhadores das obras analisadas também ratificam esta não aceitação dos homens em relação ao trabalho feminino em ambientes considerados masculinos. Eles, contraditoriamente, foram unânimes ao dizer que acham válida a presença das mulheres nas obras e que as respeitam, mas que não aceitam o ingresso de suas esposas ou companheiras no setor. Conta um dos operários:

Vixe...(risos)...trabalhar mais um monte de homem, é? Ela até pediu pra eu arrumar um emprego aqui pra ela. Mas ai eu fiquei, pensei...ai, eu não arrumei não (FELIPE, PEDREIRO, 52 ANOS).

Em algumas justificativas, percebemos o ciúme como principal motivador para a rejeição em relação à ideia de suas mulheres se inserirem nos canteiros. O medo da traição está presente, mesmo que de forma implícita, em, praticamente, todas as respostas.

Eu não aceitaria, porque a construção civil é aquele negócio. Eu 'tô' há muito tempo na construção civil e sei como é e como funciona. Falando de um modo bem popular, peão é complicado. Se der chance, você já sabe...ele dizem logo: 'vamo' tomar uma cervejinha? Então, pra evitar, eu não aceitaria (SAMUEL, ENCARREGADO, 33 ANOS).

Apesar das dificuldades inerentes a toda inserção de mulheres em ramos tradicionalmente masculinos, as entrevistadas sentem-se muito orgulhosas por

realizarem as tarefas que até pouco tempo, segundo expressou uma delas, os homens não as queriam por perto nem para ajudar.

Começar a trabalhar na construção civil proporcionou a estas trabalhadoras mudanças significativas em suas vidas. Favoreceu a elevação de sua autoestima e lhes possibilitou a aquisição de bens materiais. Fato confirmado na seguinte fala:

Eu tenho orgulho de ser servente da construção civil. Tudo que eu quero, estando no meu limite, eu compro. Tudo que me dá vontade de comer, eu compro. Hoje, eu posso ir pra uma churrascaria. Engraçado que quando eu trabalhava na churrascaria, eu não tinha condições de sentar lá e com o dinheiro que eu ganhava lá, me alimentar. Agora, eu posso sentar em qualquer restaurante, qualquer churrascaria. Posso comer e beber o que eu quero (MARIA, SERVENTE, 42 ANOS).

É interessante percebermos que a maioria delas aponta como grande ganho decorrente de seu trabalho a independência financeira em relação aos seus maridos. Afirmam, ainda, que utilizam a remuneração, principalmente, para gastos com a casa e, também, para com os filhos. Entretanto, elas também destacam a aquisição de bens e produtos para uso pessoal, que anteriormente não era possível adquirir em função da má ou ausência de remuneração.

3.2 Análise das relações de gênero no âmbito da construção civil

Para discutir a presença das mulheres na construção civil, pensamos ser indispensável analisar muito além dos aspectos positivos e negativos decorrentes dessa inserção. Acreditamos ser necessário partir do entendimento de que a presença feminina no âmbito deste setor precisa ser situada no contexto das relações de gênero, ao levarmos em consideração que, social, cultural e historicamente, as obras civis não são reconhecidas como um espaço para a atuação das mulheres. Nesse sentido, tendo como referência a literatura existente e os dados empíricos desta pesquisa, buscamos evidenciar como se mostram as questões de gênero no âmbito deste setor produtivo.

De acordo com Scott (1990), a noção de gênero possui duas partes e várias sub-partes que se encontram interligadas. A primeira parte refere-se à ideia de que o *gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças que distinguem os sexos*. Enquanto a segunda, vincula-se à premissa de que o

gênero é uma forma primária de relações significantes de poder (SCOTT, 1997, p.289).

Para Louro (1992) enfatizar o caráter fundamentalmente social da categoria em epígrafe não significa negar sua dimensão biológica. Na realidade, esse tipo de compreensão enfatiza a construção social e histórica produzida em decorrência das características biológicas que, frequentemente, se convertem em desigualdades, expressas nos papéis sociais direcionados aos homens e às mulheres.

No desenvolver da pesquisa de campo, escutamos, frequentemente, discursos que associam homens e mulheres a trabalhos diferenciados, a partir da concepção que os sujeitos da investigação têm em relação às características inerentes a cada um dos sexos. Ao questionarmos, por exemplo, sobre as atividades que as trabalhadoras desenvolvem melhor pelo fato de serem mulheres, a maioria delas e, também, os homens apontam as tarefas que requerem cuidado, dedicação e zelo como as que são melhor executadas por elas, conforme expressam algumas falas:

No que elas se identificam mais é na limpeza, no emassamento e nesses serviços que são mais pra mulher – os detalhes, o acabamento, ‘né’? [...] Na verdade, a mulher ela é mais atenciosa. Tem mais aquele carinho pela profissão. Ela se dedica mais, o homem também se dedica, mas o homem já é um pouco bruto desde que foi gerado. Elas não, já “é mais delicada”. Já bota uma massa, já coloca um tijolo, já bate um esquadro, já tem aquele detalhe de olhar para o acabamento e fazer bem. Nisso elas são bem perceptivas (SILAS, PINTOR 30 ANOS).

Algumas coisas aqui na obra facilita o fato da gente ser mulher, pois sai com mais qualidade. Vamos supor: a vidraça com tinta. O homem não quer saber se vai arranhar, ele quer saber se tira a tinta. Nós já vamos com cuidado de não arranhar a vidraça, de não arranhar o alumínio. A gente tem aquele gosto. A gente faz de conta que é da nossa casa. Sempre a gente coloca na nossa mente um faz de conta, um faz de conta que é meu (SARA, SERVENTE 38 ANOS).

Saffioti (1987), ao refletir sobre as relações de gênero, as compreende como construções sociais e históricas constituintes de um sistema simbólico que valora e cria hierarquias, tendo por referência o sexo e os aspectos culturais de um determinado período histórico. Para a autora, os seres humanos nascem machos ou fêmeas, mas é através da educação que se tornam homens e mulheres. Segundo ela, a identidade social dos indivíduos é socialmente construída.

Faria e Nobre (2007), ao apontar alguns subsídios para a discussão sobre as relações de gênero, indicam que, a partir da consolidação do capitalismo, foi disseminada a ideia de que existe uma divisão entre as esferas pública e privada. Por conseguinte, levando em consideração a referida divisão, a esfera privada passou a ser considerada um lugar próprio das mulheres, do doméstico, da subjetividade e do cuidado. Já a esfera pública passou a ser vista como um espaço dos homens, dos iguais, da liberdade e do direito.

As autoras em destaque acreditam que a perpetuação dos papéis atribuídos aos homens e às mulheres costuma ser justificada pela ideia de que esses papéis são naturais, ou seja, homens e mulheres já nascem para ser de um determinado jeito. Logo, esta naturalização é o principal mecanismo de justificativa dessa situação.

Tal naturalização dos papéis de gênero pode ser percebida, inclusive, na fala de um dos trabalhadores que utiliza a religião para ratificar a vinculação das mulheres ao âmbito doméstico. Para ele, o trabalho das mulheres, mesmo o remunerado, deve acontecer em casa, pois, caso contrário,

Como é que fica a casa? Como é que fica a família? Fica à mercê? As mulheres devem trabalhar em casa. Não é discriminação não. Essa doutrina eu trago da igreja. Eu obedeço a palavra de Deus, eu não posso distorcer os preceitos bíblicos, 'né'? A bíblia diz que a mulher cuida da casa e o homem do sustento da família, do trabalho (JÓ, PEDREIRO, 50 ANOS).

Puleo (1999), por sua vez, considera que a categoria gênero sugere uma teoria da construção social das identidades sexuadas, bem como das relações de poder entre os sexos, isto é, trata-se de uma relação dialética entre os sexos. Para esta estudiosa, discutir sobre a categoria gênero significa, ainda, falar de um conceito elaborado pelas ciências sociais a fim de analisar a constituição sócio-histórica das identidades masculina e feminina. Supõe, deste modo, considerar a existência de discursos que legitimam e justificam a hierarquização dos homens e do masculino em relação às mulheres e ao feminino.

Bourdieu (2001), por sua vez, defende a existência do poder simbólico, através do qual, os campos dominantes são beneficiários de um capital simbólico que, por sua vez, é disseminado e reproduzido por meio de instituições e práticas sociais, que lhes possibilita exercer o poder. Trata-se, portanto, da teoria da

dominação simbólica que se expressa, por exemplo, na sobreposição do sexo masculino ao feminino.

Bourdieu (2001) compreende os símbolos como instrumentos, por excelência, da integração social. Sob esta lógica, relata que o trabalho de reprodução da divisão dos gêneros, até recentemente, esteve garantido por três instâncias principais que se encontravam em consonância com os princípios do Estado (que veio ratificar e reforçar os preceitos do patriarcado privado com as de um patriarcado público presente em todas as instituições responsáveis por gerir e regulamentar a existência cotidiana da unidade doméstica), são elas: a Família, a Igreja e a Escola. Estas, sincronizadamente, possuem a característica de agir sobre as estruturas inconscientes.

O referido estudioso evidencia que a divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas e é percebida como algo tão natural, ao ponto de ser inevitável. Alerta, também, sobre a necessidade da relação entre os sexos estar reinserida na história com vista a esclarecer como as diversas instituições atuam para ratificar a dominação masculina, pois para ele,

aquilo que, na história, aparece como eterno não é mais que o produto de um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas tais como a família, a igreja, a escola, e também, em uma outra ordem, o esporte e o jornalismo (...) (BOURDIEU, 2007, p. 8).

No entendimento de Bourdieu (2007), o mundo é socialmente sexuado. A sociedade assume o papel de construir o corpo feminino e o masculino com base numa ordem de oposição, marcada por uma visão androcêntrica, que resulta, na maioria das vezes, em um apreço maior às características atribuídas aos homens.

A lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina só pode ser compreendida quando levados em consideração os efeitos duradouros que a ordem social exerce sobre mulheres e homens. A força simbólica, segundo o autor em epígrafe, *é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física, mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos* (BOURDIEU, 2007, p. 50).

A dominação masculina, nesta compreensão, se estabelece de forma sutil e encontra maior eficácia na medida em que a maioria das mulheres não tem ciência de sua condição de dominada. Esta situação acaba contribuindo para que as mulheres aceitem e, até mesmo, colaborem para efetivação da dominação.

De acordo com Bourdieu (2001), *o habitus é, concomitantemente, um sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas. E, nos dois casos, suas operações exprimem a posição social em que foi construído* (p.158).

No setor produtivo em análise, percebemos que as construções simbólicas sobre o que é ser mulher e as características inerentes a esta condição, em muitos casos, determinam as atividades que podem ou não ser desenvolvidas pelas mulheres neste ramo produtivo. Às mulheres, na maioria das obras pesquisadas, cabem as atividades vinculadas à limpeza e aos serviços que requerem maior destreza, cuidado e sutileza, características cultural e socialmente vinculadas às mulheres.

Em decorrência desse tipo de pensamento, muitas vezes, as mulheres inseridas neste setor têm seu campo de atuação profissional limitado. Inclusive, em alguns casos, contraditoriamente, serviços que requerem do trabalhador ou trabalhadora características que foram culturalmente vinculadas às mulheres - tais como o cuidado e a atenção - são realizados pelos homens. A título de exemplo, podemos citar o trabalho em altura⁸, que apesar de em sua regulamentação não existir restrição para sua execução por mulheres, na prática, alguns discursos construídos socialmente legitimam a incapacidade das mulheres para este tipo de serviço:

O trabalho em altura é um trabalho muito delicado, que exige, realmente, mais atenção e por elas serem mulheres, a gente coloca elas para trabalhar

⁸ De acordo com a NR-35, do Ministério do Trabalho e Emprego, o trabalho em altura é toda atividade executada acima de dois metros do nível inferior, onde haja risco de queda. A NR-35 estabelece que o empregador deverá promover um programa para capacitação dos trabalhadores para a realização de trabalho em altura. Trabalhador capacitado para o trabalho em altura é aquele que foi submetido e aprovado em treinamento, teórico e prático, com carga horária mínima de oito horas. O conteúdo deve, no mínimo, incluir normas e regulamentos aplicáveis, dentre eles ao trabalho em altura; análise de risco e condições impeditivas; Equipamentos de Proteção Individual e condutas em situações de emergência.

em locais mais baixos, em locais que não seja para subir em andaime. (SAMUEL, ENCARREGADO, 33 ANOS).

Em contraposição a esta ideia, convém trazer à discussão o pensamento de Blay (2002). Esta estudiosa assevera que, no que se refere ao aspecto biológico, os seres humanos assemelham-se aos outros mamíferos, ou seja, podem ser machos ou fêmeas, sendo que a diferença entre ambos é restrita.

Segundo a autora supracitada, no concernente aos *imperativos biológicos* relacionados, de um modo geral, aos homens e às mulheres, existem apenas quatro aspectos de diferença entre ambos, a saber: somente o homem tem a capacidade de fecundar; só a mulher pode menstruar, gestar e amamentar. Além destas quatro funções reprodutoras básicas, segundo a estudiosa em epígrafe, nenhuma outra diferença existente entre os sexos estaria posta de forma imutável de acordo ou segundo as linhas sexuais.

Nesse sentido, a falta de habilidade ou impossibilidade para execução de alguns serviços não, necessariamente, encontram-se atreladas ao sexo. Tão logo, acreditamos ser plenamente possível, por exemplo, um homem apresentar dificuldade para trabalhos em altura, enquanto uma mulher o executa de forma exitosa.

Na altura, elas já têm um pouco de dificuldade para trabalhar. Hoje, se eu colocar elas pra trabalhar no telhado, eu acho que elas não têm coragem de ir lá não, assim como tem homem que também não vai (JOSUÉ, ENCARREGADO, 26 ANOS).

Já fiz trabalho em altura, a gente põe o cinto e faz. Eu fiz acima de dois metros, usei o cinto e fiz. Tem até foto eu usando o cinto de segurança. Eu fazia as mesmas funções dos homens (ANA, PEDREIRA, 34 ANOS).

Através da pesquisa de campo, percebemos, ainda, que algumas mulheres desempenham com louvor tarefas que, na construção civil, são, majoritariamente, atribuídas aos homens. O depoimento de um contratante entrevistado sobre o desempenho de uma pedreira contratada para uma de suas obras ratifica esta premissa:

Essa mulher, eu nunca vi essa mulher parada. Esta ai, essa mulher é um exemplo do serviço braçal masculino. Ela 'trepou' em andaime, fez massa, ela foi uma mulher que, aqui na obra, atingiu o patamar de 150 horas de tarefa, coisa que poucos homens ganharam. Então, o salário dela que é coisa de 800 reais, mais ou menos, passou para 1200, 1300 reais. Por quê?

Porque ela participava de tarefas que eu só dava para homens (MOISÉS, CONTRATANTE, 54 ANOS).

Um aspecto interessante suscitado no depoimento de uma das entrevistadas refere-se ao desgaste físico causado pelo trabalho doméstico e pelas tarefas tidas femininas, tais como cozinhar e lavar roupa. Relata a trabalhadora:

Trabalho pesado foi quando eu trabalhei em trabalho de mulher. Até hoje, eu tenho pesadelo com as panelas pesadas, eu levantando as panelas pesadas. Porque cozinheira é cozinheira, não tem esse privilégio de dizer: 'essa panela tá muito pesada, tá muito quente'. De jeito nenhum, a cozinheira tem a obrigação de fazer (MARIA, SERVENTE, 42 ANOS).

As falas supracitadas nos inspiram a fazer outras reflexões quanto à divisão do trabalho em função do sexo existente na construção civil.

3.3 As marcas da divisão sexual do trabalho na construção civil

Lobo (1991) afirma que a divisão sexual do trabalho é também uma construção social e histórica, que produz e reproduz a assimetria entre as práticas femininas e masculinas, constrói e reconstrói mecanismos de sujeição e disciplinamento das mulheres, produzindo e reproduzindo a subordinação das mulheres e seus trabalhos.

Ao tecerem considerações sobre a divisão sexual do trabalho, Brito e Oliveira (1997) asseveram que esta não cria a subordinação e a desigualdade das mulheres no mercado de trabalho, mas, por sua vez, recria uma subordinação que existe também nas outras esferas do social. Complementam as autoras:

Portanto, a divisão sexual do trabalho está inserida na divisão sexual da sociedade com uma evidente articulação entre trabalho de produção e reprodução. E a explicação pelo biológico legitima esta articulação. O mundo da casa, o mundo privado é seu lugar por excelência na sociedade e a entrada na esfera pública, seja através do trabalho ou de outro tipo de prática social e política, será marcada por este conjunto de representações do feminino (p.252).

Carloto (2002) afirma que apesar das mudanças que vêm ocorrendo no âmbito da família, principalmente nos aspectos referentes à maternidade, à sexualidade e às relações familiares, estes fatores continuam influenciando sobre o modo pelo qual a mulher se coloca no mercado de trabalho e sobre a forma como os padrões e os homens, de uma maneira geral, tratam as mulheres. Esta visão

apresenta repercussões sobre o acesso, o tipo e as condições em que se desenvolve o trabalho feminino.

Aos poucos, contudo, o papel das mulheres na sociedade vem sofrendo alterações e elas, cada vez mais, estão ampliando seu espaço na economia nacional. Nas últimas décadas, presenciamos um aumento significativo na participação das mulheres no mercado de trabalho. Segundo dados do IBGE (2010), em 1950, somente 13,6% das mulheres em idade ativa⁹ participavam do mercado de trabalho. Em 2009, esse percentual era de 52,7%¹⁰.

Ao tratar das áreas de maior concentração da força de trabalho feminina, Cunha (2000) faz referência ao pensamento de Abramo (1999) que enfatiza a vinculação do trabalho feminino à divisão sexual do trabalho que, por sua vez, favorece a inserção das mulheres em ocupações consideradas tradicionalmente femininas, limitando seu acesso a outras profissões ou também a outras qualificações.

Brumer (1987), ao discorrer sobre a segmentação profissional em decorrência do sexo, pontua alguns aspectos da inserção feminina no mundo do trabalho. Segundo ela, existe uma divisão no mercado de trabalho que promove a concentração de homens e mulheres em determinadas profissões e que destina às trabalhadoras, de um modo geral, ganhos inferiores aos dos homens, mesmo quando exercem uma mesma função. Aponta, ainda, que a participação delas na força de trabalho, nos últimos anos, apresentou variação quantitativa (proporção de mulheres ocupadas) e qualitativa (tipos e setores de emprego) e que muitas mulheres sofrem discriminações no trabalho pelo simples fato de serem mulheres.

A construção civil, neste contexto, constitui-se um exemplo desta mudança que vem ocorrendo em relação à participação feminina no mercado de trabalho, pois apesar do referido setor, ao longo da história não ter se apresentado como um

⁹ No Brasil, define-se a população em idade ativa a partir dos dez anos de idade. Em países desenvolvidos, a idade ativa começa aos 15 ou 16 anos. Neste trabalho, será usada a idade ativa a partir dos dez anos para estatísticas do Brasil e, quando o dado se referir a uma faixa etária diferente para fins de comparabilidade, será explicitado.

¹⁰ Esse número expressa que, entre todas as mulheres residentes no Brasil, com idade a partir de dez anos, 52,7% estão empregadas ou procurando emprego.

espaço para atuação profissional das mulheres, a inserção das mulheres neste ramo encontra-se em ascendência.

É válido destacar que, mesmo quando as mulheres ingressam em ramos tidos como masculinos, as atribuições que são direcionadas a elas trazem implícitas características vinculadas à construção social do feminino, ou seja, elas são chamadas para desempenhar tarefas mais leves, que precisam de cuidado, zelo e paciência, por exemplo. Na construção civil, esta assertiva é uma marca, quando se trata do trabalho destinado às operárias. A fala a seguir confirma esta proposição:

O trabalho pesado é dos homens e o trabalho mais leve, mais maneiro é das mulheres. Quando a gente pega um serviço que tem dificuldade, eles vêm e 'ajuda' a gente. Agora, a gente tá limpando as telhas de alumínio, mas eu já fiz tudo, rejunte, limpar cerâmica, ajeitar os banheiros, limpar vidraça (DÉBORA, SERVENTE, 54 ANOS).

Convém ressaltar que as profissões social e culturalmente tidas como femininas apresentam caráter subalterno, de menor prestígio e remuneração em relação às atividades exercidas pelos homens. Ao analisarmos estes aspectos no setor produtivo em estudo, percebemos que, realmente, as mulheres desempenham funções de menos prestígio e reconhecimento. Elas, geralmente, executam os serviços que requerem menos qualificação técnica e mais habilidade manual, tais como, o acabamento das obras. São, em sua maior parte, serventes e por isso, recebem a menor remuneração paga aos trabalhadores dos canteiros de obra.

Acreditamos ser necessário problematizar que, nos espaços analisados, nenhuma operária se encontra no cargo hierárquico mais elevado da produção, encarregada da obra. O maior nível que elas conseguiram atingir foi o de pedreira. Tal constatação nos leva a refletir sobre as considerações de Santos e Ribeiro (2006) quanto à existência do efeito conhecido em vários países e apelidado de *glass ceiling* ou teto de vidro. Este termo é utilizado para evidenciar a suposta existência de uma barreira invisível que impede o acesso de mulheres a postos e ocupações com melhores rendimentos.

Quando questionamos aos contratantes sobre a promoção da mão de obra feminina, fomos informadas que esse processo não chegou a ocorrer. Alguns alegaram a falta de tempo hábil para uma melhor avaliação e, conseqüente,

classificação das operárias. Outros referiram existir a possibilidade em um momento futuro.

É interessante atentarmos que a inserção das mulheres em atividades nas quais os homens predominam, como é o caso da construção civil, não elimina, necessariamente, a discriminação sexual que elas enfrentam. Elas, em muitos momentos, são vítimas de brincadeiras que, por exemplo, colocam em questão a sua presença nestes espaços, demarcam o setor como espaço masculino e as submetem à situação de constrangimento, conforme relatam algumas trabalhadoras:

Tem uns homens aqui que tem é raiva da gente. Tem uns que até entende, mas tem outros que diz que não sabe por que a gente veio pra cá, porque diz que lugar de mulher é na cozinha, é lavando roupa. Um dia, um carpinteiro falou desse jeito pra mim: Por que você não vai atrás de uma lavagem de roupa? Eu disse: se desse dinheiro, eu estava lá, te garanto! Eles têm preconceito com a gente, acha que a gente é só para lavar roupa, varrer casa, passar pano. Não, isso ai pesa também! Pensa que uma trouxa de roupa não pesa? (ESTER, PEDREIRA, 50 ANOS).

Ao tratarmos da inserção feminina no mercado de trabalho, a diferenciação salarial em decorrência do sexo da mão de obra constitui-se uma marca. Entretanto, na construção civil, nos locais analisados, a remuneração é a mesma para homens e mulheres que exercem uma mesma função. Mas precisamos atentar que, conforme expressam os representantes do Sindicato dos Trabalhadores do setor, as melhores remunerações são direcionadas aos homens se levarmos em consideração que as mulheres são, em sua grande maioria, ajudantes de pedreiro (a) e recebem uma remuneração bem inferior ao que é pago aos pedreiros ou mestres de obras, por exemplo.

A remuneração igual para funções iguais é um dos aspectos de conflito que permeiam a entrada das mulheres no ramo produtivo em destaque. Parte dos trabalhadores não concorda que as trabalhadoras recebam o mesmo salário que eles, mesmo que elas exerçam a mesma função. Essa problemática foi suscitada em dois, dos três, canteiros pesquisados e pode ser confirmada nas seguintes falas:

No início, eu andei recebendo umas reclamações. Porque, assim, como elas eram mulheres, tinham alguns dos homens que ficavam criticando. Criticando por quê? Porque 'eram mulher' e 'tavam' fazendo o mesmo serviço deles. Ai começavam aquelas críticas até questão mesmo sobre pagamento. 'Tinham uns' que reclamavam muito pra mim: é, 'nós trabalha', trabalha, trabalha e 'as mulher' não trabalha quase nada ai. Tem umas que

não fazem quase nada e 'fica' ganhando a mesma coisa (SAMUEL, ENCARREGADO, 33 ANOS).

Portanto, pensamos que a discordância dos trabalhadores com relação à igualdade salarial para homens e mulheres neste setor, ultrapassa o aspecto da divisão desigual do trabalho. Acreditamos que o mote da questão está no preconceito que se expressa na desvalorização do trabalho feminino.

Outros aspectos que requerem discussão quando falamos sobre a presença das mulheres no mundo do trabalho trata-se da precariedade e da presença delas nos segmentos menos organizados da economia, em que existe uma maior incidência de contratos de trabalho informais e uma menor atuação das organizações sindicais.

Apesar da construção civil ser um setor organizado da economia e com forte atuação das organizações sindicais, registramos que algumas empresas conseguem burlar a legislação e convencer os trabalhadores e as trabalhadoras a se sujeitarem ao trabalho sem garantias trabalhistas. Convém ressaltar que esta precarização nas relações de trabalho incide mais fortemente sobre a mão de obra feminina, conforme relata um dos representantes do Sindicato dos Trabalhadores do segmento:

Hoje, uma coisa que nós notamos é que as mulheres sofrem muito é com o descumprimento dos deveres dos contratantes. Em alguns casos, as mulheres são de uma terceirizada, de uma empresa terceirizada, que essa terceirizada, na maioria das vezes, não cumpre o que a empresa que contratante contratou para os trabalhadores. Às vezes, a carteira não é assinada. Às vezes, eles dão um jeito de não pagar algum benefício que tá na convenção e que os trabalhadores têm direito e eles sempre dão um jeitinho de convencer às mulheres a não receber ou até abrir mão daquilo. Eles acabam ganhando também com isso (LUCAS, DIRIGENTE SINDICAL).

Ainda de acordo com o Sindicato, não formalizar o registro de trabalho na carteira profissional é uma das denúncias mais recorrentes quando se trata da má conduta das empresas terceirizadas que atuam no ramo. As mulheres são as que mais sofrem com esta problemática, embora já tenham ocorrido avanços significativos no combate a esta prática ilícita. A fala a seguir, confirma esta premissa:

[...] e aí tem a questão da carteira assinada. Hoje, por conta de algumas fiscalizações, as empresas 'tão madura' e já obrigam, minimamente, as outras, as terceirizadas, a assinar. Mas, antigamente, já foi pior, nem a

carteira era assinada, 'eles dizia' que o contrato era um serviço temporário, por pouco tempo, 'né'? A lavagem do prédio e tudo, e eles, como pretexto, diziam para as trabalhadoras: "não vamos assinar sua carteira, porque é pouco tempo, vai só sujar sua carteira". E a trabalhadora, obviamente, precisando do trabalho, aceitava essa condição. Hoje não, como elas fazem outros serviços, não é só a lavagem, como se fazia antes, 'né'? Agora é com mais força essa história de assinar a carteira. (LUCAS, DIRIGENTE SINDICAL)

O assédio sexual também se constitui um dos obstáculos que se apresentam à trajetória da mulher trabalhadora, tendo sua origem e sustentação na cultura machista e discriminatória em relação à condição feminina. Assim,

Pode-se definir assédio sexual como atentado à liberdade sexual da empregada e promovido por superior hierárquico, por meio de chantagem. Essa chantagem tem de ser tal que crie na mulher receio por seu emprego, cargo ou função e, portanto, reduza sua capacidade de resistência. A posição de poder do assediante não precisa advir necessariamente de um cargo superior no organograma da empresa, mas que, de fato, ele exerça comando sobre a assediada (CALIL, 2007, p.74).

Ao situarmos esta discussão no âmbito da construção civil, percebemos muita resistência por parte dos trabalhadores e, principalmente, das trabalhadoras para falar sobre o assunto. Nas obras analisadas, em apenas uma foi registrada a ocorrência deste tipo de crime. No caso, uma pedreira foi assediada sexualmente por seu encarregado.

Apesar de nos espaços pesquisados ter sido registrada apenas uma situação de assédio sexual, através do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, obtivemos o esclarecimento de que esta prática ilícita é mais comum do que imaginamos. Para ilustrar, é pertinente expormos a fala de um dos dirigentes:

Teve uma denuncia que foi a seguinte: a operária para entrar lá (refere-se à obra em que ocorreu o caso), tinha que sair com o encarregado. Esse era como se fosse um critério de seleção. Ai, uma das operárias veio aqui no sindicato, nós fomos ao canteiro de obra, denunciemos e a construtora tomou todas as providencias, ou seja, demitiu o cara, certo? Não era critério de seleção da construtora, era, simplesmente, um ato da cabeça dele. Ele achou de se aproveitar da fragilidade da mulher (ISAAC, DIRIGENTE SINDICAL).

Na fala supracitada o informante afirma que o agressor se aproveitou da "fragilidade da vítima", uma característica socialmente atribuída à condição feminina, embora seja nítido que esta questão ultrapassa este aspecto. Acreditamos que alguns homens do setor, aproveitando-se de sua posição hierárquica, bem como de sua condição masculina, tentam tirar proveito da situação de 'desvantagem' na qual

se encontram as mulheres que, por sua vez, são recém-chegadas ao ramo, constituem uma minoria na composição da mão de obra e não têm sua permanência consolidada no segmento produtivo.

Na ocorrência registrada pelos profissionais de uma obra analisada, conseguimos perceber discursos que evidenciam a naturalização desta prática ilegal, diminuindo, de certa forma, a gravidade deste crime, dando a ele o sentido de mal entendido, de uma brincadeira de mau gosto ou, apenas, de um flerte, tendo em vista que não houve o ato sexual. Esta constatação é confirmada por meio das falas que seguem:

Houve assédio sexual de um encarregado meu. O que aconteceu: cantou a pedreira, falou besteira pra ela. Ai, ela foi para a pessoa responsável pela contratação das mulheres na obra. Inclusive teve um desgaste pesado aqui e eu tive que dispensar o encarregado. Ela continuou. Foi um caso isolado, mas aconteceu. Infelizmente, a gente é obrigado a conviver com isso (MOISÉS, CONTRATANTE, 54 ANOS).

Foi uma cantada, não foi nada físico, foi uma cantada (TIAGO, CONTRATANTE).

É conveniente contextualizar que no ambiente em que o caso aconteceu, a inserção das mulheres se deu de modo conflituoso. A empresa contratada para executar o serviço, no período em que o crime ocorreu, ainda não via com bons olhos a presença feminina no canteiro e fez, mesmo que indiretamente, com que a mulher passasse de vítima à culpada pela situação, insinuando, algumas vezes, que as roupas que as mulheres vestiam após o expediente para ir embora, shorts e blusas mais justas, eram a motivação para que ocorresse aquele tipo de situação.

É necessário registrar que quando ocorreu o assédio sexual na obra pesquisada, conforme explica a responsável pela contratação das mulheres, não só os homens, mas, também, algumas mulheres associaram à mulher a culpa pelo fato ocorrido. Esta situação, de certa forma, acabou minando a relação estabelecida entre as mulheres, deixando de lado o sentimento de classe e de solidariedade feminina. Além disso, os homens acabaram isolando as mulheres sob a afirmativa de que era melhor não manter contato, inclusive, não falar com elas, para não correrem o risco de serem autuados pelo mesmo crime.

Pelo exposto, é possível perceber que a inserção das mulheres na construção civil constitui-se um processo permeado por tensões e que tem como marca a divisão sexual do trabalho e o preconceito. Nesta perspectiva, a participação política das trabalhadoras deste setor seria, em potencial, uma forma de enfrentamento às desigualdades que se expressam neste ramo produtivo, mas, como evidenciaremos a seguir, essa participação política ainda é muito fragilizada.

3.4 Quando a participação política se faz necessária

Na construção civil, segundo dados do Sindicato dos Trabalhadores, não há mulheres sindicalizadas, muito menos participando da diretoria da instituição¹¹, composta por 24 membros que são operários do setor, escolhidos nos canteiros de obras, através de eleições que ocorrem a cada três anos.

Atualmente, o sindicato tem, em média, 12 mil associados. Apesar de um ser um número significativo, os dirigentes acreditam que poderia haver uma quantidade maior de sócios, porém a opressão existente nas obras, a rotatividade inerente ao processo de produção do setor e o caráter não-assistencialista das ações sindicais dificultam a associação do operariado. Explica um dos dirigentes:

Não é obrigado sindicalizar. Você vê que nós não temos assistencialismo, ou seja, a maioria dos sindicatos de Fortaleza, do Ceará, do Brasil eles têm ou oferecem alguma coisa para os trabalhadores – ou médico, dentista, um oculista. Têm uns que tem até cabeleireiro pra cortar os cabelos dos trabalhadores. No caso do sindicato da construção civil, não tem nada disso, o que os trabalhadores da construção civil têm é uma sede que é esse prédio onde nós estamos fazendo a entrevista; três carros de som; uma sub sede, em Maracanaú, com carro; a direção e os funcionários que atendem os trabalhadores aqui. Então, não é obrigado se sindicalizar, mas mesmo assim a gente vai tentando. Mesmo assim, devido à opressão, quando a gente vai fazer sindicalização, num canteiro de obras com 300 pessoas, a gente sindicaliza 250. Porém, a mulher fica mais reservada por conta da pressão que existe dentro dos canteiros de obras (TIMÓTEO, DIRIGENTE SINDICAL).

Salientamos que a opressão vivenciada pela classe trabalhadora do ramo, ao mesmo tempo em que se apresenta como um dos fatores de estímulo para sindicalização dos operários, também, constitui-se um entrave para associação das mulheres, pois elas, segundo informações obtidas no sindicato, acreditam estar mais vulneráveis às demissões tendo em vista seu recente ingresso no setor.

¹¹ Dados referentes ao período de realização deste estudo – dezembro(2012)

Os dirigentes do sindicato, ao considerar o aumento da mão de obra feminina no segmento e a ausência delas no espaço que as representa, promoveram o Seminário Mulheres da Construção Civil de Fortaleza com o objetivo de estimular a participação política feminina. Esse primeiro encontro aconteceu no dia 1º de setembro de 2012 e contou com a presença de, aproximadamente, 40 mulheres. Na ocasião, algumas resoluções foram aprovadas, dentre elas a criação da comissão de mulheres que estará diretamente ligada ao sindicato, informando todas as dificuldades vivenciadas pelas trabalhadoras nos canteiros. Esta comissão será formada no primeiro semestre de 2013.

Contudo, é importante registrarmos que as mulheres não estarem vinculadas ao sindicato não significa sua passividade frente à opressão vivenciada por sua categoria de trabalho. Elas, por exemplo, participaram ativamente da greve do setor que ocorreu entre os meses de maio e junho de 2012 e que se estendeu por, aproximadamente, 28 dias. Esse movimento contribuiu, inclusive, para que se estabelecesse uma aproximação entre o Sindicato e as operárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do estudo realizado, buscamos evidenciar os principais aspectos das relações de gênero e trabalho que permeiam o trabalho de homens e mulheres na construção civil de Fortaleza.

Percebemos que a força de trabalho feminina, anteriormente utilizada apenas para limpeza das obras após sua conclusão, ganhou novas atribuições. Elas passaram a realizar alguns serviços, antes indicados aos homens, que são de fácil execução, mas que demandam tempo e habilidade manual, tais como assentar e rejuntar a cerâmica. Esta mudança na produção favorece a redução do período de execução e dos custos das obras e, ainda, o aumento da qualidade do serviço, pois as atividades que as mulheres passaram a desempenhar, recebendo o mesmo salário antes pago apenas pela limpeza da obra, quase sempre requerem cuidado, atenção e minúcia, características socialmente relacionadas ao feminino.

Para as mulheres, o ingresso neste ramo é motivado, principalmente, pela oportunidade de inserção no mercado de trabalho formal e pela melhor remuneração

paga por este segmento. A maioria delas sente orgulho por exercer uma atividade que, até pouco tempo, era estritamente vinculada ao universo masculino.

O trabalho na construção civil viabilizou o acesso destas trabalhadoras aos bens e aos serviços que, em um passado bem próximo, constituíam-se inalcançáveis para elas. Muitas delas destacam, ainda, a independência financeira que tiveram em relação aos seus maridos e companheiros.

No decorrer desta investigação, pudemos constatar que a maioria das mulheres encontra-se na função de servente, executando, principalmente, serviços de acabamento. Mas nos deparamos, também, com mulheres pedreiras, realizando as mesmas tarefas que os homens e tendo o seu trabalho muito bem visto e aceito por parte de seus contratantes.

Não constatamos diferença salarial em decorrência do sexo, contudo a maioria das mulheres, conforme expresso anteriormente, encontra-se na função cuja remuneração é a menor do setor, ou seja, elas são classificadas como serventes. Concernente a este aspecto, existe, ainda, a não aceitação de alguns trabalhadores em relação à política de remuneração igual para funções iguais. Parte dos homens não acha justo que as operárias, que exercem sua mesma função, recebam o seu mesmo salário, pois sob o ponto de vista deles, elas não executam as mesmas atividades que eles.

Percebemos que, no processo de terceirização de serviços que ocorre no setor, as mulheres são as maiores vítimas das irregularidades realizadas por empresas que terceirizadas. Estas empreiteiras, em alguns casos, utilizam-se de alguns artifícios para não registrar o trabalho feminino ou para fazer com que as mulheres abram mão de alguns dos seus direitos. Um fato recorrente são as obras de curto prazo nas quais a empresa terceirizada “aconselha” às mulheres a não reivindicar o registro na carteira para não “sujá-la” com um serviço de curta duração.

Destacamos que o trabalho feminino neste ramo é marcado pela divisão sexual do trabalho. A constituição social do que é ser homem e do que é ser mulher influencia, diretamente, na diferenciação das atividades delegadas aos trabalhadores e às trabalhadoras nos canteiros. Geralmente, às mulheres são

direcionados os trabalhos considerados mais leves e que requerem características atribuídas ao feminino como, por exemplo, a colocação e rejuntamento da cerâmica e a limpeza. Já os homens são requisitados para trabalhos que necessitam de mais força física e coragem, tais como, escavações, concretagem e trabalho em altura.

Com relação à participação política, constatamos que nenhuma mulher encontra-se associada ao Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil. A opressão imposta aos operários do ramo, motivo da sindicalização masculina, apresenta-se como um dos fatores que dificultam a sindicalização das mulheres, tendo em vista que elas sentem-se mais vulneráveis às demissões por serem minoria e não terem sua permanência consolidada neste setor.

O assédio sexual também foi um fato observado durante este estudo. Percebemos que alguns homens, utilizando-se de sua posição hierárquica no trabalho, de sua condição masculina e da situação de 'desvantagem' na qual se encontram as mulheres neste segmento buscam obter vantagem ou favorecimento sexual.

Porém, o que mais nos chamou atenção foi que, nestes casos, os homens, apesar de serem os agressores, acabam sendo vistos, por parte dos trabalhadores e trabalhadoras, como vítimas da situação, vinculando, deste modo, às mulheres, consideradas provocadoras, a culpa por esta prática criminosa.

Por fim, compreendemos que na construção civil, espaço culturalmente destinado aos homens, a presença das mulheres não é isenta de conflitos e de questionamentos. Todavia, sob nosso ponto de vista, os canteiros de obras são sim lugares para atuação profissional das mulheres, contudo, reconhecemos que muitas mudanças precisam acontecer para que estas possam exercer de forma digna sua profissão. Nesse sentido, acreditamos serem necessárias alterações nas práticas e nos valores dos atores sociais, além de serem repensados os papéis que foram social e historicamente atribuídos aos homens e às mulheres com base na hierarquia de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Laís. A situação da mulher latino-americana no mercado de trabalho no contexto da reestruturação. In: **Revista Proposta**. São Paulo, n. 88/89 Março/Agosto de 2001, p. 76-93.

BLAY, Eva Alterman. (Org.) **Igualdade de oportunidade para as mulheres: um caminho em construção**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRITO, Jussara; OLIVEIRA, Simone. Divisão Sexual do Trabalho e Desigualdade nos Espaços de Trabalho. In: **A Danação do Trabalho: relações de trabalho e o sofrimento**. Rio de Janeiro, Te Corá Editora, 1997.

BRUMER, Anita. **Considerações teóricas sobre a inserção da mão de obra feminina na força de trabalho**. Paris: Université de Paris X, 1987.

_____. Gênero e Trabalho Feminino no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? Brasil, 1985 a 1995. In: **Seminário Trabalho e Gênero: Mudanças, permanências e desafios**. GT População e Gênero Nepo/Unicamp, São Paulo, 1998 a.

_____. **Trabalho das mulheres e mudanças no período 1985 – 1995** / São Paulo: FCC/DPE, 1998b.

CALIL, Léa Elisa Silingowschi. **História do direito do trabalho da mulher - aspectos históricos-sociológicos do início da república ao final deste século**. São Paulo: LTR, 2000.

_____. **Direito do Trabalho da mulher: a questão da igualdade jurídica ante a desigualdade fática**. 1ª Edição. São Paulo: LTR, 2007.

CARLOTO, Cássia. Ruptura ou reforço da dominação: gênero em perspectiva. In: GODINHO, Tatau; SILVEIRA, Maria Lúcia da (orgs.). **Políticas públicas e igualdade de gênero**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004, p.149-156.

_____. Gênero, Reestruturação Produtiva e Trabalho Feminino. In: **Serviço Social em Revista**, V.4, N.2, Jan/Jun. 2002.

CUNHA, M. A. Gênero no trabalho: desemprego exclusão e precariedade. In: **Revista Nete**, Belo Horizonte: UFMG, 2000.

FARIA, Nalu; NOBRE, Mirian. **O trabalho das mulheres**. Tendências contraditórias. São Paulo: SOF, 1999.

_____. **O que é ser mulher? O que é ser homem?** Subsídios para uma discussão das relações de gênero. 1º Módulo do Curso Regional Centro-Oeste de Formação de Educadores e Educadoras em Concepção e Prática Sindical e em Metodologias – Brasília (DF), 06 a 12 de agosto de 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Síntese de indicadores sociais – 2009** (Estudos e Pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica – nº27). Rio de Janeiro: 1990.

_____. **Síntese de indicadores sociais – 2009** (Estudos e Pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica – nº27). Rio de Janeiro: 2010.

_____. **Pesquisa mensal de emprego** (Mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas – boletim especial –Dia Internacional da Mulher). Rio de Janeiro: 2012.

LOBO, E. S. **A Classe Operária tem dois sexos**. São Paulo. Edit. Brasiliense, São Paulo, 1991.

LOURO, Guacira Lopes. Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero. In: **Teoria & Educação**. Porto Alegre: Pannonica, nº 6, pp. 1992, p. 53-67.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO - MTE. **Promoção de igualdade de oportunidades e de combate à discriminação no trabalho**. Brasília: 2009.

_____. **Promoção de Igualdade de Oportunidades e de Combate à Discriminação no Trabalho**. Brasília: 2011.

PULEO, Alicia H. **Filosofia, gênero y pensamiento crítico**. Série Filosofia. España: Universidad de *Valladolid*, 1999.

_____. Filosofia e gênero: da memória do passado ao projeto do futuro. In: Godinho, Tatau; Silveira, Maria Lúcia da(orgs.). **Políticas públicas e igualdade de gênero**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004, p 13-34.

SAFFIOTI, H. I. B. Inserção da mulher na força de trabalho brasileira: períodos de prosperidade e períodos de crise econômica no Brasil: 1872-1982. Rio de Janeiro: In: **XVI Congresso Latino – Americano de Sociologia**, 1986.

_____. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

_____. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. O; BRUSCHINI, C. (Orgs.). **Uma Questão de gênero**. São Paulo; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SANTOS, R. V.; RIBEIRO, E. P. Diferenciais de rendimentos entre homens e mulheres no Brasil revisitado: explorando o “Teto de Vidro”. In: **Seminários de Pesquisa**, 2006.

SCOTT, Joan W. O gênero como uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**, n.2, 1990.

_____. Género: una categoría útil para los estudios históricos? In: LAMAS, M. (Org.). **El género**: la construcción cultural de la diferencia sexual. Cidade do México: PUEG, 1997, p.265-302.

_____. **A cidadã paradoxal**: as feministas francesas e os direitos dos homens. Florianópolis: Editora Mulheres, 2002.